

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ANGELITA APARECIDA VARELLA SASSO

**A DIMENSÃO AFETIVA DA FUNÇÃO DE COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA:
RELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM**

CURITIBA

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ANGELITA APARECIDA VARELLA SASSO

**A DIMENSÃO AFETIVA DA FUNÇÃO DE COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA:
RELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Me. Adriane Carneiro Ferreira

CURITIBA

2014

A DIMENSÃO AFETIVA DA FUNÇÃO DE COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: RELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

Sasso Varella Angelita Aparecida¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a importância que os professores, coordenadores pedagógicos e alunos conferem à dimensão afetiva no processo de ensino e de aprendizagem. Trata acerca da afetividade enquanto uma das dimensões no processo de desenvolvimento humano e sua relação com a aprendizagem. Realiza ainda a reflexão sobre a importância da coordenação pedagógica na formação e acompanhamento dos profissionais para que a dimensão afetiva não seja excluída das relações existentes nas salas de aula. Analisa também que a efetividade da ação educativa na instituição perpassa a sua própria capacidade de estabelecer vínculos afetivos com os professores e alunos, sujeitos do ato de aprender e ensinar. Assim, realiza a análise teórica sobre o tema. Utiliza ainda de dados coletados por meio de questionários aplicados a alunos, professores e coordenadores pedagógicos. As análises apontam que a relação educacional entre coordenador e professor, professores e alunos devem ser fundamentadas, também em afetos e que essa dimensão deve ser trabalhada no aspecto formativo dos sujeitos.

Palavras-chave: Afetividade. Práticas. Coordenador Pedagógico.

¹Artigo produzido pela aluna Angelita Varella Sasso do curso de Especialização em Coordenação Pedagógica na modalidade EAD, pela Universidade Federal do Paraná, sob a orientação da professora Mestra Adriane Carneiro Ferreira. E-mail: angelitavarella@yahoo.com

INTRODUÇÃO

As pesquisas realizadas envolvendo a dimensão afetiva apontada nas relações sociais ainda são restritas, contudo, os estudos existentes de autores como Freire (1996), Arroyo (2004), Libâneo (1994) entre outros, comprovam a relevante apoio da afetividade no processo de ensino-aprendizagem no âmbito escolar.

Assim sendo, questiona-se: como a afetividade está sendo trabalhada pelos professores nas suas relações com os alunos? Qual o entendimento dos alunos ao processo afetivo a sua relação com a aprendizagem? Como os coordenadores pedagógicos apoiam ou promovem a reflexão em torno desta questão?

Através destes questionamentos surge essa pesquisa com o objetivo de analisar a importância que os professores, coordenadores pedagógicos e alunos conferem à dimensão afetiva no processo de ensino e de aprendizagem. Para isso desenvolvemos estudos bibliográficos e pesquisa de campo através de questionários que foram entregues a professores, coordenadores pedagógicos e alunos de um colégio estadual do Município de Mauá da Serra – Pr.

O texto encontra-se estruturado em partes. Inicialmente o trabalho, discorrerá acerca da afetividade enquanto uma das dimensões no processo de desenvolvimento humano e sua relação com a aprendizagem. Realiza ainda a reflexão sobre a importância da coordenação pedagógica na formação e acompanhamento dos profissionais para que a dimensão afetiva não seja excluída das relações existentes nas salas de aula. Analisa também que a efetividade da ação educativa na instituição perpassa a sua própria capacidade de estabelecer vínculos afetivos com os professores e alunos, sujeitos do ato de aprender e ensinar.

Em seguida, serão analisadas as informações obtidas com a pesquisa empírica a partir da teoria e as considerações finais que apontam a necessidade de mais pesquisas que abordem a dimensão afetiva e sua relação com a educação.

1. AFETIVIDADE E O PROCESSO DE ENSINO – APRENDIZAGEM

Segundo Toniollo e Henz (2006), aprender a ser gente, a ser verdadeiramente “humano”, é uma das aprendizagens mais desafiadoras para uma

educação que se descreva de fato humanizada. Ainda segundo o autor humanizar, neste sentido, está diretamente ligada a ação de educar, uma educação que se dê como técnica de liberdade, onde a pessoa humana se reconhece como sujeito, como um indivíduo sócio-histórico-político-cultural, que se faz na e pela história.

Um ensino humanizador não se faz simplesmente pelo desenvolvimento docognitivo, mas em ver e incluir o sujeito, em suas várias dimensões – afetiva, social, cultural, religiosa, histórica. Pensá-lo como um ser complexo e completo. Esse sujeito precisa de uma escola e de uma prática pedagógica que assim o perceba, que amplie seu trabalho focando não somente na dimensão cognitiva, mas nas demais, sendo que a dimensão da afetividade, por relacionar-se as demais, não pode ficar esquecida.

Arroyo (2004, p.54) nos diz que “[...] não estudamos o ser humano sem a relação e o convívio com outros seres humanos que apresentem ter entendido essa difícil tarefa”. Aprendemos, por conseguinte, na convivência, nas relações de afeto e diálogo, pois não aprendemos essas dimensões sem a presença do outro.

Conforme Libâneo (1994, p. 249) “As relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula fazem parte das condições organizativas do trabalho docente”. Dessa forma, para o docente desenvolver um bom trabalho em sala de aula deve levar em consideração o aspecto sócio - emocional, ou seja, que diz respeito às relações pessoais entre professor e aluno.

Dantas (1992) garante que para haver a evolução da afetividade é indispensável que possua conquistas realizadas no plano cognitivo e vice - versa. Assim sendo, cognição e afetividade seriam intimamente ligadas sendo interdependentes.

A esse conceito, Piaget apud Taille (1992, p.65) determina afetividade como,

[...] uma "energia", logo como algo que incentiva as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O acréscimo da inteligência deixa, sem dúvida, que a motivação possa ser acordada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Entretanto, ao longo desse aumento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a Razão está ao seu serviço.

Macêdo e Silva fazem referenciam Wallon, o qual apoia esta afirmação ao indicar que,

O domínio afetivo cumpre um papel fundamental na constituição da pessoa, pois é o que dá energia ao ato motor e à cognição e, ao lado com eles, harmoniza a constituição de valores, vontades, interesses, necessidade e motivações, que direcionarão escolhas e decisões ao longo da vida. (WALLON, apud MACÊDO, SILVA, 2009, p.220)

Assim afetividade e cognição são pensadas como elementos articulados e essenciais para o avanço pessoal e acadêmico dos sujeitos.

Neste sentido, Cunha (2008) salienta que o professor deve procurar conhecer o aluno de forma particular, principalmente no que diz respeito aos estágios de desenvolvimento cognitivo, para que possa utilizar recursos adequados e ao mesmo tempo estimulá-los facilitando assim de forma significativa o seu aprendizado.

Descreve ainda que:

Um docente mal preparado para meditar a alma do aluno e o dinamismo das nuances do seu desenvolvimento cognitivo pode pisar a sua natural obrigação para aprendizado escolar e consequente de expressar-se. É indispensável manter a extraordinária aptidão da criança que, enquanto vive de modo pleno aprende (CUNHA, 2008, p.59).

Portanto, o autor expõe a importância do docente estar devidamente preparado, com uma sensibilidade, um olhar atento, que deve acolher as necessidades e as expectativas das crianças oportunizando momentos significativos que destaquem as suas aptidões, e as possibilitem vivenciar situações de aprendizado e expressar-se. Um professor mal preparado impede o avanço, da criança.

E prossegue:

O exemplo de educação que funciona verdadeiramente é aquele que principia pela obrigação de quem aprende e não pelos conceitos de quem ensina. Assim sendo, a prática pedagógica para aparentar ao aprendente deve ser seguida por uma atitude vicária do professor. (CUNHA 2008, p.63)

Segundo o autor o aluno deve ser o alvo da atenção da ação pedagógica. De tal modo, se faz necessário pensar e entender que para ter um aprendizado significativo deve ter suas reais necessidades respeitadas. Ensinar não deve ser algo imposto ou tão somente transferências de conhecimentos como se o aluno fosse um depósito bancário Freire (1996), mas como uma experiência bastante proveitosa em que a criança aprende ao mesmo tempo em que se diverte.

Segundo Saltini,

O educador (professor) é óbvio que precisa conhecer e ouvir a criança. Deve conhecê-la não na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca invariavelmente compreender o mundo que a cerca, em como o que ela faz ali na escola. (SALTINI 2008, p.63)

Saltini (2008) mostra como é importante estabelecermos um vínculo afetivo com nossos alunos, devemos aceitar o fato que eles possuem sentimentos, desejos, necessidades físicas e espirituais. Precisamos conhecer nosso aluno e saber como ele é e como está valorizando-o e percebendo-o como um ser em constante desenvolvimento.

Neste sentido, o indivíduo está em constante processo de aprendizagem e utiliza de conhecimentos, experiências anteriores para relacionar-se com o novo. Experiências frustrantes, negativas, traumatizantes na relação escolar afetam a maneira como este sujeito se relacionará com as demais situações que vivenciará.

A respeito disso, os Parâmetros Curriculares do ensino médio, especificamente no art. 3º, no Inciso I afirma que a prática administrativa e pedagógica das escolas deve ser coerente com, a estética da impressionabilidade, que deverá suprir a da repetição e padronização, instigando à criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inesperado, e a afetividade, bem como facilitar a construção de identidades adequados de suportar a inquietação, habituar-se ao incerto e o imprevisível, acolher e conviver com a desigualdade, valorizar a qualidade, a delicadeza, a sutileza, as formas lúdicas de conhecer o mundo e fazer do lazer, da sexualidade e da imaginação um exercício de liberdade responsável. (BRASIL, 2000, p. 101).

Dessa forma, o ensino não pode ser visto isolado do aspecto afetivo, pois no currículo deve ser assegurado ao aluno o desenvolvimento de habilidades inerentes tanto ao campo cognitivo quanto afetivo, ainda mais se pensarmos o aspecto afetivo como motriz, energia impulsionadora da ação.

Do mesmo modo, o PCN do Ensino Médio no Art. 5º, inciso IV determina que o currículo da escola deva “[...] reconhecer que as situações de aprendizagem provocam também sentimentos e requerem trabalhar a afetividade do aluno (BRASIL, 2000, 102).”

Para tal cabe ainda reconhecer que os professores, através de sua ação cotidiana, sofrem e demandam influências positivas ou negativas conforme as relações afetivas ocorrem. Segundo Marques (2011, p. 38) “O professor é uma pessoa repleta de emoções e como tal, ao desenvolver seu trabalho, irradia sentimentos, impressões e desejos que envolvem os alunos, e provocam, nesses sujeitos efeitos que nem sempre lhes são favoráveis.” E complementa que: “[...] é através dessas inter-relações que se dá a construção ou não do conhecimento (MARQUES, 2011, p. 28)”. Assim, esforça a importância da afetividade ser exercida na sala de aula e da necessidade do estabelecimento de relações positivas entre professor-aluno.

Neste sentido, a afetividade está diretamente pautada ao aspecto cognitivo, pois, “[...] um desejo de realização que no decorrer do trabalho pode sofrer interferências de estados de decepção, fadiga, prazer pelo que se tem alcançado, esforço por melhorar os resultados almejados [...] (MARTINELLI, 2001, p.100).”

Logo, o estado emocional pode interferir significativamente na execução de uma atividade, necessitando, portanto, ser considerado pela escola, bem como, pelo professor devido à reciprocidade existente entre o aspecto afetivo e cognitivo.

Ao pensarmos sobre essas questões percorremos a necessidade de se pensar à afetividade na relação professor e o coordenador pedagógico, visto que estes profissionais atuam diretamente com a ação de pensar, planejar, refletir, agir, avaliar a educação que se realiza cotidianamente nas salas de aula.

2. O PAPEL DO COORDENADOR-PROFESSOR E ALUNO

Mahoney e Almeida (2005, p. 19-20) indicam a afetividade como “[...] a aptidão e a disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações atreladas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”, reforçam ainda como a afetividade provoca sensações que podem ser analisadas boas ou ruins e que influenciam expressivamente a vida dos sujeitos.

A teoria de Wallon (1879-1962), citada por diversos autores como (DANTAS, 1992); (GALVÃO, 2003); (ALMEIDA, 2008); (PESSÔA, 2010), lembra que a afetividade ocorre pela influência mútua entre o orgânico e o social, sendo a base para o desenvolvimento do indivíduo. Também neste sentido, Galvão (2003) observa que as dimensões, afetiva e cognitiva, são desiguais, porém indissociáveis. Deste modo, a afetividade, no que se relaciona à teoria walloniana, imbrica o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor, permitindo a percepção do eu enquanto sujeito social.

Portanto, a escola e seus profissionais, não podem excluir as relações afetivas da sua ação prática. Logo, precisam pensar como ela está acontecendo às relações entre alunos e professores e professor-coordenador² pedagógico entrelaçando cognitivo e afeto, pensando nas necessidades e anseios de aprendizagem do sujeito que ensina e estuda.

Placco e Souza (2010, p.31) afirmam que, “O coordenador deve fazer a mediação dessa relação, oferecendo oportunidade de expressão aos sujeitos singulares que constituem o coletivo [...]”. Sendo assim, uma das funções proporcionadas pelo coordenador pedagógico, aos professores é a formação nas relações de grupo.

Placco e Almeida indicam ainda que

Embora saibamos das diversidades, é preciso instituir uma convivência que preze pelo consenso. (...) ao mesmo tempo em que o coordenador deve atuar de maneira preventiva junto aos professores, identificando suas vulnerabilidades e desenvolvendo ações que promovam uma convivência favorecida aos alunos para que não ocorram danos aos mesmos

2 Esses profissionais também são denominados Pedagogos em alguns sistemas de ensino, ou Professor Pedagogo, no caso das escolas públicas estaduais do Paraná.

oferecendo a eles espaço para que expressem suas emoções e seus sentimentos, como a angústia, por exemplo, é fundamental que invistaem sua formaçãocontínua para a prevenção, para que compreendam os diversos modelos de trabalhos preventivos existentes e suas determinações histórico-pedagógicas. (PLACCO E ALMEIDA, 2010, p.30)

Para tanto, é preciso conhecer o outro, pois segundo Almeida (2010, p. 19), “É importante, no processo de formação, levar o formando a questionar os fatos e as pessoas, respeitando o ponto de vista do outro”.

Dessa forma, se faz necessário almejar um olhar mais sensível sobre esses sujeitos e os afetos que os entrelaçam, a fim de entender os equívocos.

Segundo LIBÂNEO

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades.” (LIBÂNEO (1994, p.250).

Segundo Libâneo (1994, p. 24) “[...] o aspecto afetividade influi no processo de aprendizagem e o facilita, pois nos momentos informais, os alunos aproximam-se do professor, trocando ideias e experiências várias, expressando opiniões e criando situações para, posteriormente, serem utilizadas em sala de aula.”

Ainda segundo o mesmo autor, educar, do latim educare, é conduzir de um estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação, conforme

[...] o ato pedagógico pode ser, então determinado como uma atividade sistemática de influência mútua entre seres sociais tanto no nível do intrapessoal como no nível de controle do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre os sujeitos ou grupos de sujeitos dirigindo provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida. Calcula-se aí, a interligação de três elementos: um agente (alguém, um grupo, etc.), uma mensagem comunicada (conteúdos, métodos, habilidades) e um educando (aluno, grupo de alunos, uma geração) (...) (LIBÂNEO, 1994 p.56).

Libâneo, em seu livro: Organização e gestão da escola: teoria e prática, cita Canário (1997, p.12) reforça que no ato de ensinar também se aprende, assim também ocorre nas relações afetivas,

Conhecer que a relação professor-aluno penetra a totalidade da ação profissional do professor alude reconhecer, também, que os professores essencialmente aprendem no contato com os alunos, e serão melhores professores quanto maior for sua disposição para realizar essa aprendizagem. (CANÁRIO 1997 p.12 apud LIBÂNEO 2001, p.396).

Cabe então romper com certos paradigmas que alegam a escola apenas como local de aprendizagens acadêmicas, onde o professor é o que sabe e os alunos aqueles que não sabem.

Arroyo (2009, p 54), nos diz que devemos “[...] ter uma nova visão do aluno”. Esse novo olhar deve ser trabalhado no interior da escola. A formação dos profissionais de ensino neste sentido é necessária. Através dela podem ser aprimoradas as relações entre alunos e professores. Essa ação possibilita ainda que os professores, nos termos de Arroyo (2009, p 53.) não ampliem “[...] imagens quebradas” acerca dos alunos, que possam enxergá-los sob outro ponto de vista, mais humano e real.

Assim, seria tarefa dos coordenadores pedagógicos trazer este debate para o interior das escolas. Refletir conjuntamente com os docentes como está ocorrendo a relação afetiva no processo de ensino e sua influencia na aprendizagem de cada grupo. Estabelecer ações conjuntas no sentido de avançar neste quesito, geralmente esquecido na escola.

3. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Tendo em vista que o objetivo dessa pesquisa estava em analisar a importância que os professores, alunos e coordenação pedagógica atribuem à dimensão afetiva no processo ensino e aprendizagem desenvolveu-se um estudo bibliográfico a fim de compreender as teorias que fundamentam a tese de que a afetividade é uma dimensão importante no desenvolvimento humano, e, conseqüentemente, na aprendizagem da criança que ocorre mediada pelas relações sociais na escola.

Respectivamente foi realizada uma pesquisa empírica, utilizando como técnica para a coleta de dados o uso de questionários. Nesta pesquisa oito sujeitos foram questionados sobre a dimensão afetiva, em questão. Sendo (dois) professores

que atuam no Ensino Médio, e que atendem todos os anos de cada turno, pelo número de aulas que possuem semanalmente, sendo cada um deles de um turno escolar, as (três) pedagogas que mediam o trabalho no Ensino Médio e (quatro) alunos que estavam regularmente matriculados no referido ensino, um de cada ano.

Os docentes serão identificados no relato como P1, P2, enquanto os alunos A1, A2, A3 e A4 as pedagogas C1, C2, C3, a fim de mantermos o anonimato de todos os envolvidos na pesquisa.

O Colégio onde os dados foram coletados está localizado numa cidade pequena com aproximadamente 1.300 alunos e 65 professores.

A pesquisa foi realizada neste colégio porque é onde sou pedagoga a cinco anos. É uma comunidade carente, as crianças apresentam muitos problemas, muito deles relacionados a questões familiares. Também é o único colégio que atende alunos do Ensino Fundamental – fase dois, Ensino Médio normal, Formação de Docentes e outros cursos profissionalizantes,.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Este trabalho teve por objetivo considerar a importância que os professores, alunos e as coordenadoras atribuem à afetividade no processo ensino - aprendizagem. Para isso, na experiência de conhecer as compreensões desses sujeitos sobre a relação existente entre o aspecto afetivo e cognitivo, determinou-se para coleta de dados e utilização de questionários que foram entregue da seguinte forma a (dois) Professores e (quatro) alunos e (três) pedagogas. Nesse ponto de vista, os dados promoviam a opinião dos sujeitos pesquisados a respeito da afetividade e como esta extensão no processo de ensino - aprendizagem.

Neste contexto, serão analisadas no primeiro momento (três) das (sete) questões elaboradas, sendo estas iguais tanto nos questionários dos alunos quanto dos professores e coordenação.

A primeira questão procurava entender qual o significado de afetividade para os pesquisados. Alguns apresentaram a afetividade como:

Que afetividade vai além de um bom relacionamento com colegas e Professores e etc... Pessoas em geral (A1).

Ser mais responsável e ser mais coerente com seu jeito de ser. (C2).
 A afetividade tem a ver com a emoção, aproximação e amor (A4).
 É um sentimento de respeito carinho e amor (C1).

Pode - se observar que para estes sujeitos a afetividade estaria relacionada a um conjunto de valores, principalmente respeito, bem como uma gama de sentimentos como o amor, carinho e emoção. Além disto, na resposta de um dos sujeitos é contemplada a dimensão afetiva enquanto um aspecto que abrange mais que inter-relações.

Quando questionados sobre a importância que à afetividade teria no processo ensino - aprendizagem, elencam diferentes aspectos a ela inerentes, como tranquilidade, relação harmônica, melhoria na aprendizagem. Foi possível entender isto através dos relatos,

Uma importância de melhoria na escola contribui para que tenha paz, coisa que nunca a escola tem (A1).
 Possibilita um bom aprendizado nos estudos (A2)
 É de grande valia para a formação pessoal do aluno. (P1)
 De grandiosidade, pois sem esta relação não existe o processo de ensino - aprendizagem. (P2)
 Tornam-se mais sociáveis, mais tolerantes (C1).
 Dialogo troca de ideias relativas à realidade escolar. (C2).

Percebe - se então, que os sujeitos apontam a afetividade como um aspecto que contribui para a melhoria da aprendizagem, bem como para o desenvolvimento pessoal dos sujeitos, reafirmando o que foi discutido neste trabalho como aporte teórico.

Desse modo, vale mencionar a visão de Macêdo e Silva (2009) quanto a importância da afetividade ao processo cognitivo, ao afirmar que a afetividade assume uma função essencial na construção da personalidade do indivíduo, pois é o aspecto afetivo que impulsiona as ações, a inteligência, e participa da construção de valores, vontades, interesses, necessidade e motivações, responsáveis pela tomada de decisões dos indivíduos.

Desse modo, a afetividade deve ser notada como parte integrante ao processo educativo e não isolado.

No que se menciona à contribuição dos sujeitos para a melhoria da relação professor - aluno, assinalou - se:

[...] Para que o aluno acate o professor, primeiro ele tem que se dar respeito, pois o professor é o primeiro a desrespeitar o aluno. (A1)
 Quando o professor ficar explicando o assunto que o aluno preste atenção, pois permanecem vários alunos que não respeitam certos professores diariamente (A4).
 Compreendendo os alunos em suas fases psíquicas, motora e emocional, pois todos nós somos pessoas de conduta emocional. (P2)
 Procurar aumentar os vínculos afetivos, respeitando as limitações do aluno, assim como saber ouvi- los. (C3)

Nesta, observa - se que na maioria das respostas é citado um dos valores essenciais ao bom convívio social o “respeito”, é notório que os sujeitos percebem esse valor como uma parte fundamental à harmonia do ambiente escolar, neste caso, principalmente, da relação professor - aluno. Assim, a afetividade torna a assumir um papel fundamental à educação.

Quando perguntados aos alunos sobre a sua opinião quanto à interferência dos problemas emocionais vivenciados fora do ambiente escolar na aprendizagem, foi possível notar que reconhecem que o aspecto afetivo pode interferir na aprendizagem, isso fica bem evidente na fala de um dos sujeitos quando indica a necessidade de haver um profissional na escola na tentativa de acompanhar os alunos na administração de suas emoções, o que reafirma a influência da dimensão afetiva no bom desempenho escolar.

No que se refere à primeira pergunta feita aos coordenadores a respeito do papel da escola frente ao aspecto afetivo obteve - se:

Tornar - se solidária e compreensiva diante de situações que afetem o convívio social do aluno. (C1)
 Trabalhar com o aluno de forma que o conquiste, para que seja cumprido o papel da escola é necessário criar laços afetivos com todos que compõe a escola. (C2)

Aqui, identifica - se a dimensão afetiva como sendo a primeira fase do processo educacional, pois segundo as falas dos sujeitos, para que seja cumprido o papel da escola é necessário criar laços afetivos entre os que compõem a escola, assim é essencial que haja primeiro uma aproximação afetiva, para que o aluno confie nos envolvidos do processo.

Foi indagado também aos coordenadores pedagógicos se eles trabalham a afetividade dentro da escola e de que forma, descreveram que:

Sim. Procurando fazer com que o aluno aprenda de uma forma mais humana. O coordenador e os professores precisam criar vínculos afetivos. (C2)
Sim. Estando sempre pronta para compreender os alunos nas suas fases emocionais. (C1).

Assim, a partir da análise dos dados, pode - se dizer que a afetividade assume um papel importante no processo educacional, pois esta possibilita o desenvolvimento dos alunos tanto em seu desempenho acadêmico quanto pessoal. Além disso, estabelece um incentivo à aprendizagem, à compreensão, ao bom convívio social dos envolvidos no âmbito escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode - se constatar que a afetividade deve ser considerada no processo de ensino – aprendizagem, pois interfere de forma direta na ação educativa. Do mesmo modo, a escola deve considerar o contexto ao qual o aluno esta inserido, os conhecimentos por ele já vivenciados, suas relações interpessoais, bem como a relação professor e aluno, a fim de facilitar o processo percorrido para chegar à aprendizagem.

Assim como a afetividade, o professor coordenador pedagógico é essencial para criar possibilidades diversas de aprendizagem, nesse sentido, o coordenador pedagógico precisa aprofundar mais seus conhecimentos sobre as teorias do desenvolvimento humano na tentativa de compreender seus professores e alunos nas diferentes situações que estes podem estar enfrentando emocionalmente. Dessa forma, o coordenador adquire o papel de mediar o processo educativo, mas a ação desse profissional necessita ser norteadas de conhecimentos que unam as dimensões cognitiva e afetiva, pensando no ser humano e forma integral e não fragmentada, com vista à melhora da qualidade do ensino e de plenitude individual e social.

Com base nos dados coletados pode - se confirmar a importância de se considerar a afetividade no processo de ensino - aprendizagem, bem como a influência e/ou interferência do aspecto afetivo à aprendizagem do aluno e na prática do professor.

Contudo, mesmo sabendo que tais aspectos sejam fundamentais para a construção do saber, mediante a análise dos dados coletados nos questionários, constatou - se que o aspecto emocional não tem sido considerado, suficientemente, na escola pesquisada, necessita, assim, demais ações que favoreçam esse desenvolvimento.

Do mesmo modo, a partir das análises, verificou se que para a melhoria da qualidade de ensino, primeiramente, o pedagogo deve considerar as experiências, os conhecimentos vivenciados pelo aluno fora do ambiente escolar, bem como valorizar o diálogo em sala de aula. Além disso, os sujeitos apontaram que a relação professor- aluno não se resume, apenas, ao processo cognitivo, mas também envolve as dimensões afetivas e sociais. Logo, a construção do saber ocorre quando se considera as experiências vivenciadas pelos envolvidos no processo ensino – aprendizagem e uma boa relação entre os agentes participativos, considerando coordenação pedagógica, professores e alunos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. **A vida afetiva da criança**. Maceió: EDUFAL, 2008

ALMEIDA, L. R. de. Diretrizes para a formação de professores: uma abordagem possível. IN: PLACCO, V. M. N. de S. e ALMEIDA, L. R. de (Org.). **O coordenador pedagógico e os desafios da educação**. São Paulo: Edições Loyola, 1ª ed. 2008, 2ª ed. 2010.p. 9-23.

ARROYO, M. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2004

ARROYO, M. **Imagens quebradas, trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 5. Edição, Petrópolis: Vozes, 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: Ministério da Educação, 2000. p. 101 - 102.

CUNHA, A. E. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**, Petrópolis. RJ: Vozes, 2008.

DANTAS, H. (1992) **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon, em La Taille**, Y., Dantas, H., Oliveira, M. K. Piaget, Vygotsky e Wallon: **teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial Ltda.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, I. (2003) **Henri Wallon**. Petrópolis: Vozes.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACÊDO, R. M. de A; SILVA, M. de J. A Teoria psicogenética de Henri Wallon. In: CARVALHO, M. V. C. de; MATOS, K. S. A. L. de. (Org.). **Psicologia da Educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 201 - 241.

MARQUES, E. de S. A. **As relações Interpessoais entre professores e alunos mediando histórias de fracasso escolar:** um estudo do cotidiano de uma sala de aula. Teresina: EDUFP I, 2011.

MARTINELLI, S. de C. Os aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem. In. SISTO et al (Org.). **Dificuldades de Aprendizagem no Contexto Psicopedagógico.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

PESSÔA, L. C. **O papel do outro na atuação do Professor Coordenador.** 2010.184 f. Tese (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC. São Paulo. 2010.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e Inteligência.** Rio de Janeiro. Wak, 2008.

TAILLE, Y. de L.; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: **teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

TONIOLO, J. M. dos S. de A; HENZ, C. I. **Humanização das práticas educativas:** um compromisso de todos os gestores. 2006.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança:** Os Prelúdios do Sentimento de Personalidade. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971. p. 149 – 153

